

Edgar Allan

Poe

*Histórias
Escolhidas
por
um
Sarcástico*



ÍNDICE

9	PREFÁCIO
13	COMO ESCREVER UM ARTIGO PARA A <i>BLACKWOOD</i>
24	UMA GRANDE DIFICULDADE
33	NUNCA APOSTE A SUA CABEÇA COM O DIABO
43	UM CONTO DE JERUSALÉM
47	A VIDA LITERÁRIA DO MORGADO COISA-E-TAL BOB
66	O DUQUE DE L'OMELETTE
70	ALGUNS EPISÓDIOS NA VIDA DE UM LEÃO
76	O DIABO NA TORRE DO SINO
84	BON-BON
100	PORQUE RAZÃO O FRANCESOTE ANDA SEMPRE COM A MÃO AO PEITO
105	ENCHER DE XIS UM <i>PARÁGRABO</i> .
112	QUATRO ANIMAIS EM UM: O HOMEM CAMELEOPARDO
120	O HOMEM AGREDIDO QUE FORA USADO
130	OS ÓCULOS

PREFÁCIO

Para os admiradores de Edgar Allan Poe, familiarizados, sem dúvida, com as suas histórias de terror, com as narrativas que iniciaram o género policial nas nossas literaturas ocidentais, e com o seu estilo gótico, estes contos satíricos poderão revelar-se uma agradável surpresa, em tudo o que possuem de jocoso, lúdico e de francamente cómico. Escritas quase todas nas décadas de 30 e 40 do século XIX, estas obras assumem-se como ataques a figuras literárias e políticas da época, ou como pastiches humorísticos de outros estilos, o que lhes atribui, até certo ponto e por estranho que possa parecer, o cunho de uma certa pós-modernidade. Assim, alusões mais ou menos veladas a determinadas figuras, piadas e trocadilhos, mergulham-nos no domínio da paródia ou no que poderíamos designar, neste caso, como um certo «carnavalesco intelectual». Efectivamente, é precisamente o humor e o absurdo patentes em alguns destes contos que os tornam de tão agradável leitura, ainda que muitas vezes, nem sempre tenhamos já em mente uma série de figuras que hoje em dia nos serão praticamente desconhecidas.

Inicia-se esta antologia anotada com o conto «Como Escrever um Artigo para a *Blackwood*», ou seja, para uma famosa revista literária da época, onde sob o nome irónico de Psique Zenóbia se ataca Margaret Fuller — académica, crítica literária e figura de proa dos Transcendentalistas de Bóston, Cambridge e Concord —, para quem Poe nunca poupava palavras acutilantes. Talvez que a ironia e actualidade deste conto residam nos métodos que são aconselhados à escritora em causa: uso de «corte e colagem» para assim construir um novo texto a partir de segmentos já publicados; se bem como a inserção abundante de famosas citações, especialmente em

línguas estrangeiras — não descurando o latim ou o grego clássico — que, pelo menos nesse período, tanto impressionavam o leitor. Este conto, no entanto, gira também em torno do modo como deverão ser anotadas certas sensações fortes, algo que os Transcendentalistas tanto prezavam e a que a nossa escritora Psique Zenóbia se irá entregar, dando voz, após aturadas recomendações por parte de dois editores, a «Uma Grande Dificuldade», conto cheio de hipérboles e absurdos, onde todas as citações que lhe foram recomendadas surgem repletas de erros. Em «Nunca Aposte a sua Cabeça Com o Diabo» — transposto para uma curta-metragem por Frederico Fellini — continuam as críticas aos floreios estilísticos das revistas da época, se bem como um velado ataque a Thomas Carlyle e aos Transcendentalistas. «Um Conto de Jerusalém» será talvez para o leitor actual um dos mais herméticos. Tal característica resulta simplesmente do facto desta obra se assumir como um declarado pastiche de um romance histórico de Horace Smith intitulado *Zillah, A Tale of Jerusalem*, publicado em 1829, mas hoje praticamente desconhecido e menosprezado, mesmo por parte dos especialistas que se debruçam sobre essa época literária. Neste caso, Poe decidiu efectivamente recorrer ao «corte e colagem» para criar um conto que, usando frases inteiras de Horace Smith se desvia deliberadamente do sentido geral pretendido por esse autor. Tal como em «Nunca Aposte a sua Cabeça com o Diabo», «A Vida Literária do Morgado Coisa-e-Tal Bob» volta a abordar de um modo mordaz a facilidade com que se escrevem e publicam artigos, mais uma vez com base numa colagem de frases de outras pessoas, e fazendo também referências através de inventados títulos jocosos, a uma série de revistas literárias americanas da época. Em «O Duque de L'Omelette», satirizam-se sobretudo os preciosismos de Nathaniel Parker Willis, que à época era editor de *The American Monthly Magazine*, o que poderá justificar a atmosfera orientalista e decadentista que nele encontramos, se bem como, segundo certos críticos actuais, algumas das características do Duque que talvez tivessem sido também inspiradas pelo romance de Benjamim Disraeli, *The Young Duque*. É também a Willis que se pretende referir o conto «Algumas Passagens na Vida de um Leão», pois esse editor tornara-se já famoso (um verdadeiro «leão») entre a elite das sociedades inglesa e escocesa. Em «O Diabo na Torre do Sino» o alvo da crítica é Martin Van Buren (Presidente dos Estados Unidos da América entre 1837-1841) nascido em Nova Iorque mas de óbvias raízes holandesas, cujos opositores sugeriam que voltasse para a Holanda para plantar couves, um vegetal que não deixa de ser recorrente neste conto. «Bon-Bon» poderá ser interpretado como uma crítica ao escritor Thomas Carlyle, recorrendo, através de referências indirectas, ao seu livro *Sartor Resartus*, especialmente ao capítulo VII desta mesma obra, onde uma personagem diabólica, Teu-

felsdröckh, afirma que «a alma *não* é sinónimo de estômago». Em «Por que Razão o Francesote Anda Sempre com a Mão ao Peito» o humor resulta sobretudo do conto ser originalmente escrito imitando o sotaque irlandês e, abordando para mais, a temática de um campónio que ascende a barão. Na tradução que aqui apresentamos, tentei transpor tais traços dialectais através de uma mistura de coloquialismos, de alguns arcaísmos e de marcas típicas de várias regiões do nosso país, criando assim uma espécie de dialecto não identificado com nenhuma região específica, capaz de melhor nos transmitir — segundo penso — as características do texto original. Em «Encher de “Xis” um *Parágrabo*» lidamos mais uma vez com traços dialectais, porém este conto tem como alvo da sua crítica os jornalistas, sobretudo aqueles que durante o século XIX foram migrando da costa leste para o Oeste americano.

Como sátiras políticas propriamente ditas, para além de «O Diabo na Torre do Sino», incluímos «Quatro Animais em Um: O Homem Camello» em que o alvo da sátira é o presidente americano Andrew Jackson, na sua tentativa de combinar os ideais republicanos com certas ambições imperialistas; tal como em «O Homem Agredido que Fora Usado» se pretende atacar o Vice-Presidente Richard M. Johnson e a sua participação numa escaramuça com os índios, onde este mata Tecumseh mas é gravemente ferido. Segundo o crítico William Whipple, esse vice-presidente teria sido descrito por um contemporâneo seu como: «um homem de muletas, com o corpo mutilado e caminhando com dificuldade, contudo um objecto de interesse patriótico para toda a gente». Termina esta nossa antologia com um conto curioso, «Os Óculos», em que poderemos ler uma sátira não só à literatura e ao amor romântico mas também ao «amor à primeira vista». Trata-se de uma sintética e bem architectada «comédia de enganos» em jeito de conto, onde o humor também irrompe no sotaque francês de uma das personagens principais, *Madame Lalande*.

Como conclusão a este breve prefácio, gostaria de mencionar que ao contrário de uma tradução técnico-científica, em que o tradutor deverá ser sempre um «exacto e invisível transpositor», se exige, neste caso específico, um tradutor que possa assumir o papel de um «transpositor literário», capaz de recriar muitas vezes o texto que está a traduzir, de modo que este possa produzir, no leitor português a que se destina, um efeito tanto quanto possível semelhante ao do texto original. Isso justificará a razão pela qual certas passagens, neste caso, se aproximam mais da «versão» do que da «tradução propriamente dita». Assim, segmentos que geralmente não se traduzem, tais como nomes de personagens e localidades, são neste caso traduzidos sempre que tais nomes adquirem uma determinada dimensão

simbólica, ou funcionam do modo que geralmente designamos como «alcunhas». O mesmo se aplica a algumas piadas e trocadilhos, que terão de ser adaptados, para que possam funcionar na língua e na cultura de chegada, já para não nos referirmos aos sotaques e, tal como já mencionámos (no caso de «Por que Razão o Fancesote Anda Sempre com a Mão ao Peito») a textos que se pretendem escritos num outro dialecto. Com efeito, para o tradutor, trata-se de uma instância em que este poderá exercer uma certa criatividade, tornando-se assim um verdadeiro co-autor das obras que transpõe e desafiando (com uma ironia que Poe teria apreciado) certas atitudes provincianas e alguns preconceitos estabelecidos.

Vau, Páscoa de 2008

José Manuel Lopes

COMO ESCREVER UM ARTIGO PARA A *BLACKWOOD*¹

«*Em nome do profeta: figos!*»

Pregão dos vendedores de figos da Turquia

Presumo que toda a gente já terá ouvido falar a meu respeito. O meu nome é *Signora* Psique Zenóbia². Isso poderei garantir-vos. Ninguém, a não ser os meus inimigos, me chama Chique Snobes. Todavia, asseguram-me que Chique, neste caso, não passa de uma vulgar corruptela de Psique, que é grego legítimo e quer dizer «a alma» (essa sou eu, pois sou toda alma) e, por vezes, «uma borboleta», cujo sentido último aludirá sem dúvida às ocasiões em que apareço no meu vestido de cetim carmesim, com uma capinha árabe cor do céu, com os meus remates de *agrafas* verdes e os meus sete folhos de *aurículas* cor-de-laranja. Quanto a Snobes, qualquer pessoa que se digne olhar para mim saberá de imediato que o meu nome nunca foi Snobes. Creio que a menina Tabitha Nabo propalou esse rumor. A Tabitha Nabo, sem dúvida!... Essa pequena delinquente!... Mas que se pode esperar de um nabo? Será que ela ainda se lembra do velho adágio inglês que diz que «não se pode extrair sangue de um nabo», etc? [Memo: esfregar-lhe a cara com isso, na primeira oportunidade]. [Outro Memo: puxar-lhe pelo nariz]. Mas onde ia eu?... Ah... já me garantiram que Snobes não passa de uma mera corruptela de Zenóbia, e que Zenóbia era uma rainha... (Eu também o sou. O Dr. Tostão E. Furado chama-me sempre a Rainha de Copas) ... e diz-me que Zenóbia, tal como Psique, é excelente grego, que o meu pai era «um grego», e que, consequentemente, tenho direito ao nosso patronímico, que é Zenóbia, e não Snobes, de maneira alguma. Ninguém, a não ser a Tabitha Nabo, me chama Chique Snobes. Eu sou a *Signora* Psique Zenóbia.

Tal como antes mencionei, todos ouviram já falar de mim. Eu sou a verdadeira *Signora* Psique Zenóbia, tão justamente celebrada como a se-

cretária correspondente da «*Associação Regular, Nostálgica, Elucidadora e Suplicante de Estados Súbitos e Anelados, de Zimbros Uivantes em Instantes de Sufocação*», de Filadélfia. O Dr. Tostão E. Furado arranhou para nós esse título, e disse-nos que o escolhera porque lhe soava grandioso, como um gigantesco odre de rum. (Por vezes não passa de um indivíduo vulgar, mas de uma profundidade...) Todos nós assinamos com as iniciais dessa sociedade logo após os nossos nomes, à maneira de R. S. A., Real Sociedade das Artes³ — ou da P. A. T. O., a Protecção Associativa do Truísmo Ontológico, etc., etc. O Dr. Tostão E. Furado diz que o T é uma abreviatura para *Truão*, e que P. A. O., não é mais do que um pau (mas não é essa a minha opinião); e que a P. A. T. O. não passa, apesar de tudo, de um pato com um certo sentido de humor, e não da sociedade de Lorde Brougham⁴. Porém, o Dr. E. Furado é um homem tão estranho, que eu nunca chego a saber bem quando ele me está a falar a sério. De qualquer modo, acrescentamos sempre aos nossos nomes as iniciais A. R. N. E. S. E. S. A. Z. U. I. S., o que quer dizer «*Associação Regular, Nostálgica, Elucidadora e Suplicante de Estados Súbitos e Anelados, de Zimbros Uivantes em Instantes de Sufocação*» de Filadélfia — uma letra para cada substantivo, o que já é um grande avanço em relação a Lorde Brougham. O Dr. Tostão E. Furado acredita que estas nossas iniciais revelam o nosso verdadeiro carácter... contudo, por mais que me esforce, ainda hoje não sei o que tudo isso quererá dizer.

Não obstante os ínvios esforços do professor, e as extenuantes pressões para que a nossa associação passasse a ser de nomeada, esta não obteve qualquer sucesso até eu me ter tornado membro. A verdade é que esses elementos fundadores se entregavam a discussões de um tom demasiado frívolo. Os ensaios, lidos todos os sábados ao fim da tarde, não eram assim tão caracterizados pela sua profundidade, quanto pelo ridículo que continham. Eram todos muito de acordo com as normas mais corriqueiras. Nunca havia investigação acerca das causas da sua origem, ou acerca dos seus princípios primordiais. Nunca se prestava atenção a esse grande ponto, o da «adequação das coisas»... Em suma, ninguém escrevia nada como isso. Era tudo de muito baixo nível, acreditem! Não se encontrava aí profundidade, quaisquer leituras, uma certa metafísica — nada daquilo a que os doutos chamam espiritualidade, e que os ignorantes estigmatizam como hipocrisia. [O Dr. Tostão acredita que esta se deveria escrever com um «h» maiúsculo, mas eu sei coisas que ele não sabe.]

Quando ingressei nessa sociedade, o meu objectivo era poder incrementar nela um melhor estilo de pensar e de escrever, e todos sabem até que ponto fui bem sucedida. Conseguimos atingir agora uma tal qualidade de ensaios na A. R. N. E. S. E. S. A. Z. U. I. S., como a que qualquer pessoa possa encontrar, mesmo na *Blackwood*. E se digo *Blackwood*, é porque me

foi assegurado que a melhor escrita, não importa sobre que assunto, deverá ser descoberta nas páginas dessa Revista tão justamente elogiada. Tomamo-la agora como modelo para todos os nossos temas, e é precisamente por isso que, nos dias que correm, todos têm os olhos postos em nós. Para além do mais, não é assim tão difícil escrever um artigo que mereça o aval genuíno da *Blackwood*, se soubermos realmente como escrevê-lo. É claro que não estarei a falar de artigos sobre política. Já toda a gente sabe como estes se cozinham, desde que o Dr. Tostão E. Furado no-lo explicou. Ora o Sr. Blackwood tem um bom par de tesouras de alfaiate e três fiéis aprendizes a seu lado. Um deles passa-lhe o *Times*, outro o *Examiner* e, o terceiro, o «Novo Compêndio da Novel Gíria» de Gulley. O Sr. B. limita-se a cortar, voltando a colar criativamente. Num abrir e fechar de olhos isso se faz. Primeiro, mistura o *Examiner*, o «Novo Compêndio» e o *Times*. Seguidamente, o *Times*, o «Novo Compêndio» e o *Examiner*. Para por fim juntar fragmentos do *Times*, do *Examiner* e do «Compêndio».

Porém, o grande interesse dessa Revista reside na sua miscelânea de artigos, e os melhores de todos enquadram-se no que o Dr. Tostão E. Furado designa de *bizzareries* (não importa o que isso queira dizer), mas a que os restantes dos humanos chamam *intensidades*. Trata-se de um tipo de escrita que há muito aprendi a apreciar, embora fosse apenas aquando da minha visita ao Sr. Blackwood (representante da nossa sociedade) que me tivesse dado conta do seu exacto método de composição. Consiste o mesmo em algo muito simples, mas não do mesmo modo como na política. Ao visitar o Sr. B. e ao esclarecê-lo sobre os desejos da nossa associação, ele recebeu-me com toda a civilidade, levou-me até ao seu escritório e forneceu-me uma clara explicação de todo o processo.

— Minha cara senhora — disse ele, sem dúvida impressionado pela minha aparência majestosa, pois tinha levado o vestido de cetim carmesim com as *agrafas* verdes e as *aurículas* cor-de-laranja. — Minha caríssima senhora — disse ele, — queira sentar-se. Todo o assunto se poderá resumir do seguinte modo: Em primeiro lugar, o vosso escritor de intensidades terá que ter uma tinta muito preta e uma caneta muito grande com um aparo sem papas na língua. E ouça bem o que lhe digo, *Miss Psique Zenóbia!*... — continuou ele após uma pausa, com a mais expressiva energia e o mais solene dos tons. — Repare bem no que lhe estou a dizer!... *Essa caneta nunca deverá ser reparada!* Aí mesmo, minha cara senhora, reside o segredo, a alma, a intensidade. Não terei pejo em afirmar que nenhum indivíduo importante, não importa se de grande génio, alguma vez escreveu com uma boa caneta (se me permite) um bom artigo. Poderá dar como assunto arrumado que, se um manuscrito puder ser lido, é porque nunca mereceu uma leitura. É este um princípio basilar da nossa fé, com

o qual, se não puder concordar de imediato, teremos que terminar esta nossa conversa.

Calou-se, por momentos. Mas, é claro, como eu não desejava acabar assim esse nosso diálogo, concordei com essa sua sugestão tão óbvia, que era, para além do mais, uma ideia de que há muito me dera conta. Ele pareceu ficar muito satisfeito e continuou a dar-me as suas instruções.

— Poderá parecer desagradável da minha parte, *Miss Psique Zenóbia*, se lhe mencionar um artigo ou uma série de artigos que lhe poderão servir como modelo de estudo... Todavia, talvez lhe possa chamar a atenção para alguns casos. Ora deixe-me ver... Havia *Os Mortos Vivos*⁵, algo de fundamental!... Tratava-se do registo das sensações de um cavaleiro, quando sepultado antes do seu último suspiro... uma coisa cheia de bom-gosto, terror, sentimento e erudição. Quase poderíamos jurar que o escritor tinha nascido e fora criado dentro de um ataúde. Depois tivemos as *Confissões de um Opiómano*⁶... óptimo, mesmo muito bom!... uma imaginação prodigiosa... uma filosofia profunda... um sentido agudo da especulação... algo cheio de fogo e de fúria e, indubitavelmente, com um bom tempero do ininteligível. Tratava-se de um bom pedaço de conversa fiada, mas as pessoas engoliram-no com todo o prazer. Até disseram que talvez Coleridge tivesse escrito esse mesmo ensaio... mas estavam enganadas. De facto foi escrito pelo meu macaco de estimação, Juniper, com um bom cálice de genebra holandesa com água «quente e sem açúcar». [Isto era algo em que eu nunca poderia acreditar, não fosse o Sr. Blackwood ter-mo assegurado]. Em seguida, tivemos *O Experimentalista Involuntário*, tudo acerca de um senhor que foi assado num forno, e que dele conseguiu sair vivo e são, embora muito bem passado. Depois houve *O Diário de um Físico Falecido*⁷, onde o mérito residia numa retórica empolada, salpicada do grego mais comum, para o tornar mais acessível ao público. E foi quando surgiu *O Homem no Sino*⁸, um óptimo texto, *Miss Zenóbia*, e nunca seria por demais recomendar que o lesse com atenção. Consiste na história de um jovem que vai dormir sob o badalo de um sino de igreja, e que acorda quando este começa a tocar a finados. Esse som quase o faz enlouquecer e, como seria de esperar, ele puxa das suas tabuinhas onde regista um relato das suas sensações. Estas são, apesar de tudo, o mais importante... Se alguma vez se estiver a afogar ou a ser enforcada, não se esqueça de anotar todas as suas sensações, pois poder-lhe-ão valer dez guinéus a página. Se realmente deseja mesmo escrever, *Miss Zenóbia*, dedique a mais minuciosa atenção a todas as suas sensações.

— Poderá estar certo disso, Sr. Blackwood — disse eu.

— Pois bem — respondeu ele. — Já vejo que é uma aluna que o meu coração muito estima, mas terei que a pôr *au fait* dos detalhes necessários que terá que levar em consideração sempre que componha o que se

poderia designar como um genuíno artigo para a *Blackwood*, de matriz sensacionalista... o tipo de artigo que, permita-me dizer-lho, considero ainda ser melhor para todas as finalidades.

» O primeiro requisito é que se meta numa premente situação crítica como nunca antes tivesse experimentado. O forno, por exemplo, foi muito bem achado... Mas se não tiver à mão um forno ou um grande sino, se não puder convenientemente cair de um balão, ser engolida pela terra durante um terramoto, ou ficar entalada no cano de uma chaminé, terá que se contentar com imaginar algum percalço semelhante. Contudo, iria preferir que um facto verdadeiro pudesse revelar os seus dotes. Não há nada melhor para assistir a fantasia do que ter um conhecimento experimental do assunto a ser tratado. Não sei se sabe, mas «a verdade é uma coisa estranha, mais do que qualquer ficção»... para além de ser bem mais adequada.

Nesse momento, assegurei-lhe ter um excelente par de ligas e disse-lhe que estaria disposta a enforcar-me com elas.

— Muito bem! — respondeu ele, — faça isso, embora um enforcamento possa ser algo demasiado visto. Talvez possa fazer melhor... tome uma dose de pílulas *Brandreth*⁹ e relate-nos depois as suas sensações. Todavia, as minhas directivas poder-se-ão aplicar do mesmo modo a qualquer variedade de acidentes e, ao ir para sua casa, talvez lhe dêem uma forte pancada na cabeça, talvez seja atropelada por um transporte colectivo ou mordida por um cão raivoso, ou até afogada numa sarjeta.

» Ora, tendo escolhido bem o seu assunto, terá que em seguida considerar o tom ou modo da sua narrativa. Existe um tom didáctico, um tom entusiástico, um tom natural: tudo lugares por demais comuns... Mas também existe o tom lacónico, ou seco, que tem sido muito usado ultimamente. Consiste em frases curtas. E funciona mais ou menos assim: Não posso ser tão breve. Não posso dizê-lo de supetão. Sempre um ponto final. Mas nunca um parágrafo.

» Porém, também existe o tom elevado, difuso, interjectivo... Alguns dos nossos melhores romancistas apadrinham este tom. As palavras deverão surgir todas num remoinho como um pião sonoro, e provocando um som muito semelhante, que poderá lindamente substituir o sentido. Creio que se trata do melhor de todos os estilos possíveis, em que o escritor está numa pressa desesperada para pensar.

» O tom metafísico também é bastante satisfatório. Se conhecer algumas palavras com muitas letras, essa será a ocasião para as empregar. Poderá falar das escolas jónicas e eliáticas, de Arquitas, Górgias e Alcmeão. Mencione qualquer coisa acerca da objectividade e da subjectividade. Não se esqueça de abusar de um homem chamado Locke. Tenha uma atitude arrogante e desprendida em relação à generalidade das coisas e, caso deixe

passar algo talvez *demasiado* absurdo, não terá que se preocupar a riscá-lo. Limite-se apenas a acrescentar uma nota de rodapé, e diga que, na observação profunda acima referida, está grata à *Kritik der reinen Vernunft*, ou à *Metaphysische Anfangsgründe der Naturwissenschaft*. Isso parecerá erudito e... e... e absolutamente sincero¹⁰.

» Outros tons existem de uma igual nomeada, mas apenas lhe irei mencionar mais dois: o tom transcendental e o tom heterogéneo. No primeiro, tudo consiste em ver a natureza do assunto bem mais profundamente do que qualquer outra pessoa. Tal visão profética poderá ser bem eficaz quando utilizada adequadamente. Algumas leituras da *Dial* poderão levá-la muito longe¹². Evite, nesse caso, palavras demasiado longas; escolha as mais pequenas que encontrar, e escreva-as ao contrário. Dê uma vista de olhos aos poemas de Channing e cite o que ele diz acerca de um «homenzinho gordo com uma enorme demonstração de Vontade». Acrescente aí qualquer coisa acerca da Unidade Sobrenatural. Nem se atreva a dizer uma sílaba acerca da Infernal Dualidade. Acima de tudo, atente nos inuendos. Sugira tudo sem afirmar nada. Poderá querer dizer qualquer coisa ou o que quer que seja que *se possa aproximar* de «pão com manteiga». Poderá sugerir um bolo de trigo mourisco, ou ir mesmo ao ponto de insinuar papas de aveia. Mas se pão com manteiga for o seu verdadeiro sentido, tenha cuidado, minha caríssima Miss Psique, e nunca, por razão alguma, escreva «pão com manteiga»!

Prometi-lhe nunca mais o voltar a dizer durante toda a minha vida. Ele deu-me um beijo e continuou:

— Quanto ao tom heterogéneo, trata-se meramente de uma judiciosa mistura, em partes iguais, de todos os tons que existem no mundo e, conseqüentemente, é feito de tudo o que é profundo, grande, estranho, ousado, pertinente e bonito.

» Suponhamos, para já, que acabou de escolher o tema e o tom. A parte mais importante, de facto a alma de todo esse assunto, ainda terá que ser levada em consideração. Refiro-me ao *preenchimento*. Os leitores não deverão depreender que uma senhora, até mesmo um cavalheiro, tenha vivido como um rato de biblioteca. E contudo, para além de qualquer outra coisa, será necessário que o seu artigo tenha um ar de erudição, ou que pelo menos revele a presença de extensivas leituras de âmbito geral. Agora irei dizer-lhe o que deverá fazer para tão pretendido objectivo. Veja bem! — [disse, retirando da prateleira três ou quatro volumes, de aspecto corriqueiro, e abrindo-os ao acaso]. — Ao dar uma vista de olhos por praticamente qualquer página de não importa que livro, poderá logo aperceber-se de uma série de pequenas demonstrações, quer de conhecimento quer de *bel-esprit-ismo*, que são os ingredientes ideais para bem temperar um artigo

a submeter à *Blackwood*. Poderá mesmo anotar uns quantos, à medida que lhos irei lendo. Irei proceder a duas divisões: primeiro, *Factos Ousados para a Manufatura de Símiles*; segundo, *Expressões Ousadas para serem introduzidas segundo a ocasião*. Escreve-as já! — E eu escrevi-as, enquanto ele mas ia ditando.

— FACTOS OUSADOS PARA SÍMILES: «Originalmente só havia três Musas, Mélete, Mnémia e Aédia: meditação, memória e canto.» Ora muito poderá conseguir, baseada neste simples facto, se o utilizar adequadamente. Como sabe, não se trata de uma coisa muito conhecida e irá parecer *recherché*. Mas terá que ter cuidado e apresentar a coisa com um ar de verdadeiro improvisado.

» Mais uma coisa: «O Rio Alfeu passou por debaixo do mar e emergiu sem que as suas águas tivessem perdido a pureza.» Um pouco requentado, na verdade, mas, se propriamente enfeitado e bem servido, irá parecer mais fresco do que nunca.

» Mas aqui está algo melhor: «A íris persa parece possuir, para algumas pessoas, um perfume doce e muito forte, enquanto para outras não tem qualquer odor.» Trata-se de um coisa bonita, e muito delicada! Transforme-a um pouco e poderá fazer maravilhas. Poderemos também arranjar outra coisa relacionado com a Botânica. Nada resulta melhor do que isso, com a ajuda de um pouco de latim. Escreva!

» «O *Epidendrum Flos Aeris* de Java tem um bela flor, que continuará a viver mesmo quando arrancada pelas raízes. Os nativos penduram-na do tecto, com um fio, e desfrutam da sua fragrância durante anos.» Isto é de uma suma importância! Mas já chega de símiles. Examinemos agora as Expressões Ousadas.

» EXPRESSÕES OUSADAS: «O *Venerável Romance Chinês Ju-Kiao-Li*.» Esplêndido! Ao introduzir com destreza estas breves palavras, revelará o seu íntimo conhecimento da língua e da literatura dos chineses. Com esta ajuda, talvez possa evitar recorrer ao árabe, ao sânscrito ou ao *chickasaw*¹². Contudo, não poderemos passar sem demonstrarmos um perfeito conhecimento do espanhol, italiano, alemão, latim e grego. Terei que lhe arranjar um pequeno espécime de cada. Qualquer pedaço será quanto basta, já que terá que se apoiar no seu próprio engenho para o encaixar no seu artigo. Continue a escrever:

» «*Aussi tendre que Zaïre*, tão terna como Zaira, é francês. Alude à frequente repetição da frase *la tendre Zaïde*, na tragédia francesa com o mesmo nome¹³. Se devidamente colocado, demonstrará não só o seu conhecimento da língua, mas também a amplitude das suas leituras e do seu talen-

to. Poderá dizer, por exemplo, que o frango que estava a comer (escreva um artigo sobre morrer engasgada com um osso de frango) não era realmente *aussi tendre que Zaiide*. Anote!

*Ven muerte tan escondida.
Que no te sienta venir.
Porque el placer de morir,
No me torne a dar la vida.*

» É espanhol, de Miguel de Cervantes. «Vem morte tão escondida. / Que eu não te sinta aparecer. / Para que o prazer de morrer, / Não me torne a dar a vida.» Isto é algo que poderá inserir muito à *propos* quando se estiver a debater, já nas últimas agonias, com o osso de frango. Continue a escrever!

*Il pover'huomo che non sen'era
acorto,
Andava combattendo, ed era morto.*

» É italiano, não sei se está a perceber, de Ariosto. Quer dizer que o grande herói, no ardor do seu combate, não se tendo dado conta de que estava mesmo morto, continuou a lutar com valentia, mesmo apesar de já ter falecido. A aplicação disto ao seu caso tornar-se-á óbvia, pois espero, *Miss Psique*, que não deixe de espernear, pelo menos durante uma hora e meia, depois de ter morrido engasgada com esse osso de frango. Anote, por favor!

*Und sterb'ich doch, so sterb'ich denn
Durch sie — durch sie!*

» É alemão, de Schiller¹⁴. «E se eu morrer, pelo menos morro / Por ti... por ti!» Aqui torna-se claro que está a interpelar a *causa* do seu infortúnio, o frango. De facto, que cavalheiro (ou até que senhora) no seu perfeito juízo, *não* morreria, gostaria eu de saber, por um capão bem gordo das Molucas, recheado com alcaparras e cogumelos, servido numa saladeira, com geleia de laranja em *mosaïques*... Escreva! (Poderá comer um assim no *Torton's*¹⁵) Anote, por favor!

» Aqui está uma bela frase em latim, para mais, rara (nunca poderemos ser muito *recherché* ou breves em latim, está a tornar-se tão comum)... *ignoratio elenchi*, o que quer dizer que ele percebeu as palavras da sua proposição, mas não a ideia. O homem era um *parvo*, está a ver... Algum pobre

» Em grego teremos de ter algo bonito, de Demóstenes, por exemplo, ἡμεῖς οὐκ ἐπὶ τῷ πρῶτῳ μνημονεύομεν¹⁶.

Aquele que voa combaterá de novo,
Mas morto não o poderá fazer de todo.

Estas foram todas as instruções que o Sr. B. me deu acerca do assunto em questão, mas eu achei que seriam assaz suficientes. Estava enfim apta a escrever um genuíno artigo para a *Blackwood*, e determinada a fazê-lo a partir de então. Ao despedir-se de mim, o Sr. Blackwood sugeriu pagar-me o ensaio, logo que eu o tivesse escrito. Porém, como ele me poderia oferecer apenas cinquenta guinéus a página, pensei que seria melhor que a nossa Associação ficasse com ele, do que submetê-lo por uma soma tão irrisória. Não obstante o seu espírito de avarento, esse cavalheiro revelou, apesar de tudo, a sua consideração por mim em todos os outros aspectos, tendo-me tratado, de facto, com toda a delicadeza. As suas palavras, ao despedir-se, comoveram-me bastante, e espero poder sempre recordá-las com gratidão.

— Minha cara *Miss Zenóbia* — disse ele, enquanto as lágrimas lhe bailavam nos olhos, — haverá *mais alguma coisa* que eu possa fazer para promover o sucesso do seu louvável empreendimento? Permita-me refletir! Poderá dar-se o caso que não possa, tanto quanto seria conveniente... conseguir... a... a... afogar-se... ou... engasgar-se com esse osso de frango... ou... ou enforcar-se... ou... ser mordida por um... Mas, não se vá já embora!... Agora que penso nisso, tenho uns excelentes *bulldogs* no meu pátio... ótimos animais, não duvide... ferozes como poucos... precisamente a coisa de que tanto necessita... eles não tardarão a devorá-la com *aurículas* e tudo, em menos de cinco minutos (já estou a olhar para o relógio!)... depois, pense nas sensações. Aqui já! Venham! Tom! Peter! Dick, meu malvado!... Mostrem-me bem os vossos... — Todavia, como eu estava com muita pressa, não tinha nem mais um minuto a perder e, relutantemente, vi-me forçada a sair de súbito e, como seria de esperar, fui-me logo embora, talvez de um modo mais abrupto, terei que o admitir, do aquele que as mais estritas regras de cortesia teriam recomendado.

O meu objectivo primordial, logo após ter abandonado o Sr. Blackwood, era meter-me imediatamente numa grande dificuldade, tal como ele me recomendara e, em busca da mesma, passei grande parte desse dia, vagueando por Edimburgo, em busca de perigosas aventuras: aventuras que se adequassem à intensidade dos meus sentimentos e que pudessem também ser conformes com o tipo de artigo que eu pretendia escrever. Durante tal digressão fui sempre acompanhada pelo meu criado preto Pompeu e pela minha cadelinha de colo Diana, que eu trouxera comigo de Filadélfia. Não foi, porém, senão bem ao fim dessa tarde, que acabei por ser bem sucedida nessa minha árdua tarefa. Falo de um acontecimento importante que ocorreu, do qual o texto para a *Blackwood* que se segue, em tom heterogéneo, será o material, o resultado.

¹ Publicado pela primeira vez, com o título original «The Psyche Zenobia» em The American Museum of Science, Literature and the Arts (Novembro de 1838), e mais tarde com o presente título «How to Write a Blackwood Article» em The Broadway Journal (12 de Junho de 1845). A Blackwood era uma importante revista literária da época, fundada por William Blackwood (1776-1834).

² Certos críticos sugerem que Zenóbia seria uma caricatura da intelectual e crítica literária Margaret Fuller. Esta fazia parte do grupo dos Transcendentalistas de Bóston, Cambridge e Concord.

³ Sociedade britânica fundada em 1754.

⁴ Referência a Lorde Henry Brougham (1778-1868) político e reformista ligado a The Edinburgh Review e à Examiner.

⁵ «The Dead Alive» refere-se a um conto que apareceu em Fraser's Magazine, IX (1833).

⁶Referência ao famoso livro de Thomas DeQuincy, *The Confessions of an English Opium-Eater* (1822).

⁷Referência a «The Diary of a Late Physician» publicado na Blackwood.

⁸Referência a «The Man in the Bell» de Samuel Warren, um escritor da Blackwood's.

⁹Marca de um laxante muito conhecido na época.

¹⁰Referência, respectivamente a dois livros de Kant, a *Crítica da Razão Pura* e *Fundamentos Metafísicos das Ciências da Natureza*.

¹¹The Dial era a revista dos Transcendentalistas de Concord, da qual Margaret Fuller foi a primeira editora.

¹²Língua de uma tribo índia da América do Norte, com o mesmo nome.

¹³Referência à tragédia de Voltaire, *Zaïde* (1732).

¹⁴Segundo os críticos Stuart e Susan Levine, trata-se de um erro deliberado por parte de Poe, os versos são de Göthe.

¹⁵Antigo Café em Paris.

¹⁶Anêr ó pheugon kai pálin machêsetai.

¹⁷Referência ao longo poema de Samuel Butler, *Hudibras*.

UMA GRANDE DIFICULDADE¹

«What chance, dear lady, has bereft you thus!»

*Comus*²

Estava uma tarde calma e silenciosa, quando comecei a passear pela bela cidade de Edina. A confusão e a azáfama das ruas eram tremendas. Os homens falavam. As mulheres gritavam. As crianças perdiam o fôlego. Os porcos assobiavam. Trepidavam as carroças. Bramiam os bois. Mugiam as vacas. Relinchavam os cavalos. Miavam os gatos. Os cães dançavam. *Dançavam!* Seria então possível? *Dançavam!*... Infelizmente para mim, há muito que os meus tempos de baile tinham terminado!... É assim sempre. Que multidão de sombrias recordações serão para sempre e de novo acordadas na mente do génio e da imaginação contemplativa, especialmente na dos génios condenados à perpétua, e à eterna, e à contínua e, como se costuma dizer, à... *contínua*... sim, à *contínua e continuada*, amarga, hostil, perturbante, e (se me permitem a expressão), à influência *excessivamente* perturbante da serena, e divina, e celestial, e exaltada, e elevada, e ao purificante efeito do que poderá apropriadamente ser designado como o mais *verdadeiramente* invejável... não!... o mais benignamente belo, o mais deliciosamente etéreo, e por assim dizer, a *coisa mais bonita* (se é que eu posso usar uma expressão tão ousada) do mundo (peço ao meu leitor que me perdoe!)... mas estou sempre a ser desviada pelos meus sentimentos. *Nessa* mente, repito, que multidão de recordações poderá ser acordada por uma insignificante banalidade! Os cães dançavam! *Eu*... eu *não podia!* Eles saltitavam... eu chorava. Eles faziam cabriolas... eu soluçava alto. Circunstâncias tocantes que não evitarão trazer à memória do leitor clássico essa requintada passagem em relação à adequação das coisas, que poderá ser encontrada no começo do terceiro volume do admirável e venerável romance chinês *Tá-Cá-Sim*.

Durante o meu solitário passeio por essa cidade, tive dois humildes mas fiéis companheiros. Diana, a minha cadelinha! A mais doce das criaturas! Tinha um caracol de pêlo sobre o seu único olho, e uma catita fita azul atada em volta de pescoço. A Diana não teria mais de dez centímetros de altura, mas a sua cabeça era, até certo ponto, maior do que o corpo e, como a cauda lhe fora cortada quase rente, isso dava um ar de injuriada inocência a esse interessante animal, que se tornou logo favorito entre todos.

E Pompeu, o meu preto!... doce Pompeu! Como te poderei alguma vez esquecer? Eu ia pelo braço de Pompeu. Ele tinha noventa centímetros de altura (gosto de ser precisa nos meus detalhes) e cerca de setenta ou oitenta anos de idade. Tinha as pernas arqueadas e era corpulento. Não deveríamos dizer que a sua boca era pequena ou que as suas orelhas fossem curtas. Todavia, os seus dentes eram como pérolas; e os seus deliciosos olhos grandes deliciosamente brancos. A Natureza não lhe tinha dado um pescoço e colocara-lhe os tornozelos (como geralmente acontece com essa raça) no meio da parte mais elevada dos pés. Vestia-se com uma surpreendente simplicidade. As suas únicas roupas eram uma gravata com um grande nó muito subido, com cerca de vinte centímetros, e um sobretudo castanho-claro e quase novo, que antes fora pertença do alto, imponente e ilustre Dr. Tostão E. Furado. Era um bom sobretudo. Estava bem talhado. Era uma peça praticamente nova. E Pompeu levantava-lhe as pontas de baixo, com ambas as mãos, para que o mesmo não arrastasse pelo chão.

Havia três pessoas no nosso grupo e duas já foram referidas. Mas havia uma terceira... e essa pessoa era eu. Sou a *Signora* Psique Zenóbia. Não a Chique Snobes. A minha aparência impõe-se sempre. Na memorável ocasião de que vos falo, estava vestida com um vestido de cetim carmesim e com uma capinha árabe da cor do céu. E o vestido tinha enfeites de agrafas verdes e sete folhos graciosos de aurículas cor de laranja. De modo que eu era a terceira figura desse grupo. Havia a cadelinha. Havia o Pompeu. Havia eu mesma. Éramos *três*. A propósito se poderá dizer que havia inicialmente três Fúrias: Melti, Nimi e Heti: Meditação, Memória, e Contradança.

Apoiada no braço do galante Pompeu, e seguida, a uma distância respeitável por Diana, continuei a descer uma das mais frequentadas e agradáveis ruas de Edina, agora deserta. De repente, estava diante de uma igreja — de uma catedral gótica — enorme, venerável e com um alto campanário que se erguia pelo céu. Que loucura me possuiu então? Porque me apressei a correr para o meu fatal destino? Fora dominada por um desejo incontrolável de subir até esse estonteante pináculo, para daí observar toda a extensão da cidade. A porta da catedral estava convidativamente aberta. O meu destino prevalecia. Entrei por esse arco de mau agouro. Por onde andaria o meu anjo-da-guarda? Se é que tais anjos existem?... *Sel!*... triste

e inquietante monossílabo! Que palavra cheia de mistério, de sentido, de dúvida e de incerteza se esconde nas tuas duas letras!... Eu entrei por esse arco de mau agouro! Entrei, e sem ter danificado as minhas aurículas cor de laranja, passei por baixo desse portal para emergir no interior do vestibulo. Assim se diz que o imenso Rio Alfredo passou, intacto e sem se molhar, por baixo do oceano.

Pensei que a escadaria nunca mais tivesse fim. *Era redonda!* Sim, os degraus subiam em volta, em volta, em volta, até eu não poder deixar de meditar em tal facto com uma certa desconfiança, na companhia do sagaz Pompeu, em cujo braço me apoiava com toda a confiança de uma velha afeição... Não poderia deixar de meditar sobre o facto de que a parte de cima dessa escadaria em espiral teria sido removida, acidentalmente ou de propósito. Parei para retomar o fôlego e, entretanto, aconteceu um acidente de uma natureza inesperada, de um ponto de vista moral e metafísico, para que o não mencionasse. Parecia-me (efectivamente tinha quase a certeza) que não me poderia ter enganado... Não!... Por momentos, tinha observado, cheia de preocupação e ansiedade, os movimentos da minha Diana (afirmo que *não me poderia* ter enganado), a Diana farejara a *existência de uma ratazana!* Logo me apressei a chamar a atenção de Pompeu para esse facto, e ele... ele acabou por concordar comigo. Não havia assim mais espaço para possíveis dúvidas. A ratazana fora cheirada... e por Diana! Meu Deus, será que me deverei esquecer da intensa excitação desse momento? Enfim!... de que é feito afinal o elogiado intelecto do ser humano?... A ratazana! Estava lá! O que quer dizer que estava algures. A Diana conseguiu cheirar a ratazana. Eu... *eu não consegui!* Do mesmo modo se poderia dizer que a íris prussiana terá, para algumas pessoas, um doce e forte perfume, enquanto para outras não tem qualquer odor.

Acabara de subir essa escada em caracol, e só havia mais três ou quatro degraus a separar-nos do topo. Continuávamos a ascender, e nesse momento só havia mais um degrau. Um degrau! Um pequeno, pequeníssimo degrau!... Num degrau tão insignificante da grande escadaria da vida humana que suma quantidade de felicidade ou de infortúnio poderá dele depender? Pensei em mim, depois em Pompeu, e só mais tarde no misterioso e inexplicável destino que nos rodeava. Pensei em Pompeu!... Infelizmente pensei no amor! Pensei nos muitos *degraus* falsos que tinham sido transpostos e que ainda o poderiam ser uma vez mais. Resolvi ser mais cautelosa, mais reservada. Desprendi-me do braço de meu criado e, sem recorrer ao seu auxílio, transpus o último degrau, penetrando assim no espaço do campanário Logo de seguida, seguiu-me a minha cadelinha. Só Pompeu ficou para trás. Fiquei de pé no cimo dessa escadaria, encorajando-o a subir. Ele estendeu-me a mão e, infelizmente ao fazê-lo, viu-se obrigado a

desprendê-la das abas do sobretudo. Será que os deuses jamais irão renunciar à sua perseguição? As abas do mesmo caíram e, com um dos seus pés, Pompeu tropeçou numa delas. Tropeçou e tombou, pois tal consequência seria inevitável. Caiu para a frente e a sua maldita cabeça, acertou-me em cheio no... no peito, precipitando-me também para a frente, juntamente com ele, sobre o chão duro, imundo e detestável desse campanário. Mas a minha vingança logo se tornou certa, súbita e completa. Agarrando-o de súbito pela carapinha, com ambas as mãos, arranquei-lhe uma grande quantidade de material fino e frisado, que atirei para bem longe de mim com a clara demonstração de um grande desprezo. Caiu por entre as cordas desse campanário e aí ficou. Pompeu levantou-se e não disse palavra. Mas olhava para mim, cheio de pena, com os seus olhos enormes e... suspirava. Oh deuses... Essa visão!... Entranhou-se-me no coração. E o cabelo... a carapinha!... Se pudesse ter alcançado essa espécie de lâ, tê-la-ia banhado com as minhas lágrimas, como testemunho do meu arrependimento. Todavia, infelizmente, já estava bem fora do meu alcance! Enquanto a via presa ao cordame do sino, julguei que ainda estivesse viva. Imaginei-a toda espetada de indignação. Do mesmo modo, a feliz e bem-humorada *Flos Aeris* de Java dá, assim se diz, uma bela flor, que viverá mesmo se arrancada pelas raízes. Os nativos suspendem-na do tecto por um fio, e desfrutam da sua fragrância durante anos.

Essa questão resolveu-se finalmente e olhámos em volta em busca de uma abertura através da qual pudéssemos observar a cidade de Edina. Não havia quaisquer janelas. A única luz que penetrava nesse sombrio recinto vinha de uma abertura quadrada, com cerca de trinta centímetros de lado, situada a cerca de um metro e oitenta do chão. Todavia, a que não poderá a energia de um verdadeiro génio recorrer? Resolvi trepar até esse buraco. Uma enorme quantidade de rodas, carros e de outra maquinaria de aspecto cabalístico erguia-se em frente dessa abertura, não muito longe e, através desse buraco, passava uma vara de ferro, vinda dessa engrenagem. Entre as rodas dentadas e a parede onde se situava a abertura, mal havia espaço para o meu corpo. Não obstante, estava ansiosa e determinada a levar a minha frente.

— Estás a ver aquela abertura, Pompeu? Pretendo olhar por ela. Tu ficas aqui, mesmo por baixo do buraco... assim. Agora, estica uma das tuas mãos, Pompeu, para eu poder apoiar o pé, assim. Agora a outra mão, Pompeu, para que eu me possa encavalitar em cima dos teus ombros.

Ele fez tudo o que lhe pedi e eu vi então, logo que me apoiei nele, que poderia passar o meu pescoço e a minha cabeça através dessa abertura. A vista era sublime. Nada poderia parecer mais magnificante. Apenas parei um momento para dizer à Diana que se comportasse, e assegurar Pompeu

de que eu iria ter por ele uma certa consideração e fazer-me o mais leve possível. Disse-lhe que seria terna para com os seus sentimentos, *ossi tendra que bifinhos*³. Tendo feito tal justiça ao meu fiel amigo, entreguei-me, com grande prazer e entusiasmo, a desfrutar da cena que, tão deliberadamente, se abria diante dos meus olhos.

Sobre este assunto, no entanto, evitarei dilatar-me. Não irei descrever a cidade de Edimburgo. Toda a gente já esteve em Edimburgo, na clássica Edina. Confinar-me-ei aos memoráveis detalhes da minha própria aventura lamentável. Tendo satisfeito, em certa medida, a minha curiosidade, no que dizia respeito à extensão, localização e aparência general da cidade, tive tempo para observar melhor a igreja em que me encontrava, e a delicada arquitectura do campanário. Observei que a abertura por onde introduzira a cabeça se situava no enorme mostrador de um relógio gigantesco, e que a mesma, vista desde a rua, deveria assemelhar-se a um grande buraco de fechadura tal como o que se usa para dar corda a certos relógios de sala. Sem dúvida que se destinava a que por ela um criado pudesse introduzir o braço para ajustar, sempre que necessário, os ponteiros desse mesmo relógio, pela parte de dentro. Também me dei conta, para minha grande surpresa, da dimensão desses ponteiros, não tendo o mais pequeno menos do que três metros de comprido e, na largura, uns bons vinte e cinco centímetros. Aparentemente, eram de ferro maciço e os seus lados pareciam ser assaz afiados. Tendo-me certificado de tais particularidades, e até de outras, uma vez mais voltei o meu olhar para a paisagem que em frente de mim se abria, não demorando a ficar diante da mesma em calma contemplação.

Após alguns minutos, fui arrancada a esse meu enlevo pela voz de Pompeu que me disse que já não podia aguentar mais, pedindo-me para ter a gentileza de descer dos seus ombros. Isso não era nada razoável e tive que lho dizer, através de uma prolongada admoestação. Ele respondeu-me, mas com uma evidente atitude incompreensível, acerca das minhas ideias sobre o assunto. Como seria de esperar, comecei a ficar zangada, e disse-lhe, com todas as palavras, que ele era um parvo, que ele acabara de cometer um *ignoracio* de elenco, e que as suas sugestões não passavam de uma *insommia Bovis*, pouco melhores do que uma *anemoverbora*. Com isso, ele pareceu ficar satisfeito e eu retomei as minhas contemplações.

Deveria ter sido meia hora após essa alteração que eu fiquei absorpta pelo cenário celestial a meus pés, e me sobressaltei ao sentir uma suave pressão na parte detrás do pescoço. Desnecessário será dizer que fiquei inexpressivamente alarmada. Sabia que Pompeu se encontrava por baixo de mim e que a Diana estava sentada nas pernas traseiras, de acordo com as minhas instruções explícitas, no canto mais distante desse recinto. Porém, que estaria a acontecer? Infelizmente, em breve o descobri! Ao rodar

suavemente a minha cabeça para um lado, dei-me conta, para meu grande horror, de que esse enorme e lustroso ponteiro dos minutos, semelhante a uma cimitarra, *se abatera sobre o meu pescoço*, à medida que ia descrevendo o seu percurso. Não haveria assim, sabia-o bem, nem um segundo a perder. Tentei desviar-me, mas era tarde... Não poderia já retirar a cabeça através da abertura dessa terrível armadilha, na qual me encontrava elegantemente presa, e que se tornava cada vez mais estreita, com uma rapidez demasiado tremenda para ser sequer concebida. As agonias de tal momento nunca poderão ser imaginadas. Pus as mãos ao alto e tentei, com todas as minhas forças, desviar para cima essa portentosa barra de ferro. Era como se estivesse a tentar erguer toda essa catedral com as minhas costas. Mas cada vez mais esse ponteiro descia, cada vez mais perto e a apertar-me... Gritei para que Pompeu me ajudasse, mas ele disse-me que eu ofendera os seus sentimentos, ao chamar-lhe um «ignorante e um “elencado”». Gritei por Diana, mas essa só disse «au-au», e que «eu lhe dissera para não se mexer desse canto, não importasse qual o motivo». De modo que nada poderia já esperar dos meus associados.

Entretanto, essa pesada e tremenda *Gadanha do Tempo* (pois dava-me então conta do significado literal dessa expressão clássica) não tinha parado, nem parecia querer abrandar o seu avanço. Cada vez mais para baixo ela ia prosseguindo. Já tinha mesmo enterrado o seu lado bem afiado dois centímetros na minha carne, e as minhas sensações tornaram-se indistintas e confusas. Lembro-me de que uma vez me imaginei em Filadélfia, na companhia do imponente Dr. Tostão E. Furado; outra na sala das traseiras do Sr. Blackwood, a receber as suas preciosas instruções, E, uma vez mais, as memórias de antigos e melhores tempos se apoderaram de mim, e eu pensei nesse período de felicidade, quando o mundo ainda não se apresentava como um completo deserto e Pompeu nada tinha de crueldade.

O tiquetaquear dessa maquinaria divertia-me. *Divertia-me*, digo eu, pois as minhas sensações começavam a aproximar-se de uma perfeita felicidade, e as circunstâncias começavam a dar-me prazer. O esterno *tiquetaque, tiquetaque, tiquetaque* do relógio era uma música melodiosa aos meus ouvidos e, por vezes, trazia-me à mente os graciosos e arrazoados sermões do Dr. Ollapod⁴. Em seguida, pensei nos grandes números nesse mostrador. Como me pareciam todos tão inteligentes, tão intelectuais!... Nessa altura, começaram todos a dançar a mazurca, e creio que foi o número V quem me satisfez mais com a sua actuação. Ele era, evidentemente, um senhor com berço, que nada tinha que ver com os vossos trejeitos e nada de indelicado nos seus movimentos graciosos. Fazia uma admirável pirueta, girando sobre o seu vértice. Ainda tentei estender-lhe uma cadeira, dado que ele me parecia cansado após tal desempenho e, não foi senão

nesse momento que me dei conta da minha lamentável situação. De facto, bastante lamentável!... Esse ponteiro tinha-se enterrado quatro centímetros no meu pescoço. Despertei para a sensação de uma dor requintada. Rezei para que morte viesse e, na agonia do momento, não pude deixar de repetir os douts versos do poeta Miguel de Cervantes:

Vien vida tã escondida
Que yo no te senti a vinir
Que el porco y el deseo da morte
No mi torne a dar la vir.

Porém, agora, um novo horror se me apresentava e um que seria capaz de pôr à prova os nervos mais fortes. Os meus olhos, devido à cruel pressão dessa maquinaria, estavam absolutamente saídos das órbitas. Enquanto me debatia a pensar como ira passar sem eles, houve um que de facto me saltou da face e, rolando pela parede abrupta desse campanário, acabou por se alojar na caleira que percorria o beirado do edifício principal. A perda desse olho não me afectou tanto como o ar de insolência e de desprezo com que me mirou, depois me ter abandonado. Aí estava ele, na caleira, mesmo por baixo do meu nariz, e os ares que se dava teriam parecido ridículos se eu não os tivesse achado tão repugnantes. Nunca antes se vira um tal pestanejar nem semelhantes piscadelas de olho. Esse comportamento, por parte do meu globo ocular, não era apenas irritante, dada a sua manifesta insolência e vergonhosa ingratidão, mas também se tornava por de mais inconveniente, se pensarmos na empatia que sempre existe entre dois olhos de uma mesma cabeça, por mais distantes que estejam um do outro. Vi-me assim forçada, até certo ponto, a piscar o meu olho restante e a pestanejar, pudesse ou não pudesse fazê-lo em exacta harmonia com essa coisa sem eira nem beira que aí estava mesmo por baixo do meu nariz. Depois senti-me mais aliviada, logo que o outro olho caiu. Ao fazê-lo (talvez devido a uma conspiração previamente acordada), tomou a mesma direcção que o seu companheiro. Ambos saíram juntos dessa caleira e, para ser franca, foi com grande alegria que os vi desaparecer.

Esse ponteiro estava agora enterrado dez centímetros no meu pescoço e só lhe faltava cortar-me um tudo-nada de pele. As minhas sensações eram de uma completa felicidade, pois sentia que dentro de pouco minutos, quanto muito, estaria liberta dessa desagradável situação. E essa expectativa não me decepcionou. Precisamente às cinco e vinte cinco da tarde, esse enorme ponteiro dos minutos tinha avançado o suficiente, para cortar o pequeno segmento que ainda me restava do pescoço. Não senti pena ao ver a cabeça, que tanto embaraço me causara, ter-se finalmente separado do

meu corpo. Primeiro, rolou pela parede do campanário, depois alojou-se, durante alguns segundos, na caleira e, em seguida, deu um salto e caiu para o meio da rua.

Terei que confessar que os meus sentimentos eram agora da mais singular, não, da mais misteriosa, perplexa e incompreensível natureza. Os meus sentidos estavam aqui e ali, ao mesmo tempo e no mesmo momento. Com a cabeça imaginava, a dada altura, que eu, a cabeça, era a verdadeira *Signora* Psique Zenóbia; noutra ocasião, estava convencida de que eu, o corpo, era a minha verdadeira identidade. Para clarificar as minhas ideias acerca deste tópico, procurei no meu bolso a minha caixa de rapé, mas, ao encontrá-la, e tentando aplicar uma pitada dos seus agradáveis conteúdos na maneira habitual, dei-me logo conta de um problema específico e atirei logo essa caixinha na direcção da minha cabeça. Esta conseguiu inalar uma porção desse pozinho e, com grande satisfação, sorriu para mim em jeito de agradecimento. Não muito depois, fez-me um discurso que eu mal consegui escutar, uma vez que já não tinha ouvidos. Pude no entanto perceber o suficiente, para saber que estava espantada com o meu desejo de permanecer viva sob tais circunstâncias. Na sua frase conclusiva, citou as nobres palavras de Ariosto:

O pover homem che non se tinha acorto
Andava num combate que o trazia morto,

comparando-me assim a esse herói que, no calor do combate, não percebendo que já tinha morrido, continuara a batalhar com grande valor. Não havia nesse momento nada que me prevenisse descer do ponto elevado onde me encontrava, e foi isso mesmo o que fiz. O que esse pobre Pompeu viu de tão estranho na minha aparência foi algo que nunca cheguei a perceber. Esse indivíduo abriu a boca de orelha a orelha e fechou os olhos como se estivesse prestes a partir nozes com as pálpebras. Finalmente, atirando para o chão o sobretudo, deu um salto para as escadas e desapareceu. Apressei-me a dirigir a esse miserável estas palavras veementes de Demóstenes:

*André O'Phlegethon, estás mesmo
Com pressa de te ires embora.*

Em seguida, olhei para a menina dos meus olhos, para esse único olho, para a minha Diana de pêlo comprido. Meu Deus! Com que terrível visão fui eu confrontada?... Seria *de facto* uma ratazana o que vi a esconder-se numa toca? Eram esses os ossos limpos desse pequeno anjo que

fora tão cruelmente devorado por esse monstro?... Pelos deuses!...Que via eu diante de mim? Seria esse o espírito ausente, a sombra, o fantasma da minha adorada cachorrinha, que observava então sentada com uma graça melancólica a um canto desse recinto? Escutei!... Pois ela falava e, Deus do Céu, no alemão de Schiller:

*Unt estrebi doc, só estrebi di
Du chi, du chi!*

Deus meu! E não serão as suas palavras demasiado verdadeiras?

E se eu morrer pelo menos morro
Por ti... por ti!...

Doce criatura! Ela também se sacrificara por minha causa. Já sem cadela, sem preto e sem cabeça, que restava então da infeliz *Signora* Psique Zenóbia? Infelizmente... nada! É tudo...

¹ Publicado pela primeira vez na Broadway Journal, em 1840, com o título original «A Predicament».

² «Que acaso, cara senhora, vos entristece assim». Citação retirada do poema de John Milton, Comus (A Mask Presented at Ludlow Castle), 1634.

³ Nesta, como em todas as outras citações em línguas estrangeiras recomendadas pelo Sr. Blackwod, Zenóbia faz erros.

⁴ Personagem de uma farsa popular da época, The Poor Gentleman, da autoria de George Colman Jr.

NUNCA APOSTE A SUA CABEÇA COM O DIABO¹

Um Conto com uma Moralidade

«Com tal que las costumbres de un autor» diz Don Tomás de las Torres² no prefácio aos seus *Poemas de Amor*, «sean puras y castas, importa muy poco que no sean igualmente severas sus obras», o que quer dizer em língua corrente que, desde que a moral de um autor seja sincera, isso nada terá que ver, de um ponto de vista pessoal, com a moralidade dos seus livros. Presume-se que Don Tomás esteja agora no Purgatório devido a tal afirmação. Para mais, não se perderia nada se, como forma de justiça poética, o mantivessem aí, até os seus *Poemas de Amor* se terem esgotado ou terem ficado arrumados definitivamente numa prateleira, por falta de leitores. Toda a ficção deveria ter uma moral e, o que será talvez mais apropriado, todos os críticos já descobriram que *de facto a têm*. Philip Melanchthon³, há já algum tempo, escreveu um comentário à *Batraquiomiomaquia*⁴, provando que o objectivo de um poeta era demonstrar um certo mau gosto pela rebelião. Pierre La Seine⁵, indo um pouco mais longe, afirma que essa intenção tinha como finalidade recomendar aos jovens temperança na comida e na bebida. Também do mesmo modo Jacobus Hugo⁶ ficou satisfeito com o facto de que, por Euneu, Homero quisesse insinuar João Calvino; por Antínuo, Martinho Lutero; pelos lotófagos os Protestantes em geral; e pelas Harpias os holandeses. Os nossos académicos mais modernos são igualmente acutilantes. Estes indivíduos demonstram a existência de um sentido oculto em *Os Antediluvianos*⁷, uma parábola no *Powhatan*⁸, novas visões em *O Pinto Calçado* e transcendentalismo em *O Pequeno Polegar*. Em suma, tem vindo a ser provado que um homem nunca se pode sentar a escrever sem um desígnio bastante profundo. Assim se evita, para muitos autores em geral, muitas

complicações. Um romancista, por exemplo, não tem que se importar com a sua moral. Já está aí, ou seja, está algures, pois que a moral e os seus críticos poderão muito bem tomar conta de si mesmos. Na altura apropriada, tudo o que o cavalheiro pretendeu dizer, e mesmo o que não pretendeu, será trazido à luz na *Dial* ou na *Down-Easter*⁹, juntamente com tudo o que ele deveria ter pretendido dizer e com o resto do que ele claramente pretendeu, de modo que, por fim, tudo se acaba por esclarecer.

Não existe assim qualquer razão para as acusações que me foram feitas por alguns ignorantões, de eu nunca escrevi um conto moral, ou, mais precisamente, um conto com uma moralidade. Mas eles não são os críticos predestinados a me analisarem ou a desenvolverem a minha moral: é esse o segredo. Eventualmente, a *Revista Quadrienal de Assunto Maçudos Norte-Americanos*¹⁰ irá envergonhá-los pela estupidez que demonstram. Entretanto, como forma de adiar essa execução e a fim de mitigar as acusações levantadas contra mim, oferece-vos a triste história aqui apensa, um conto sobre cuja moral não poderá haver qualquer hesitação, dado que mesmo os mais apressados a conseguirão ler nas grandes letras que constituem o título. Para tal, deverão dar-me crédito por esse facto, bem mais requintadamente exposto do que em La Fontaine e em outros autores, que reservam para o fim a impressão a ser transmitida, e a inserem, à última da hora, no maçudo final das suas fábulas.

Defuncti injuria ne afficiantur era a lei da doze tábuas, e *De mortuis nihil nisi bonum*¹¹ uma excelente injunção, mesmo quando os mortos a que se fazia referência não passavam de cerveja mal tirada. Não é assim minha intenção vituperar o meu amigo Toby Raios-te-Partam. É verdade que ele era um insignificante e triste indivíduo que acabou por ter uma vida e uma morte de cão, porém, não era culpado pelos seus vícios. Estes provinham de um defeito pessoal de sua mãe. Esta fez o melhor que pôde para o açoitiar enquanto criança, pois os deveres de uma mente bem no seu lugar eram sempre um prazer, e os bebés, quais bifes rijos ou as modernas oliveiras gregas, são muito melhores quando bem batidos. Porém, pobre mulher!... Tinha a infelicidade de ser canhota, e uma criança açoitada com a mão esquerda talvez nunca devesse ser açoitada. O mundo gira da esquerda para a direita. De modo que nada adiantará espancar um bebé da direita para a esquerda. Se cada bordoadada na direcção correcta expulsa uma maléfica propensão, é certo que cada pancada na direcção oposta acaba por entranhar-lhe na pele a sua quota-parte. Assisti muitas vezes aos castigos do Toby e, pelo modo como ele desatava aos pontapés, podia perceber que ele ia piorando cada vez mais com cada dia que passava. Por fim, vi, através das lágrimas que me embargavam os olhos, que não havia qualquer hipótese para esse delinquente e, um dia, em que ele tinha estado a tossir até ficar

com uma cara tão escura que o teríamos tomado por um pequeno africano, e nada fora conseguido senão que ele rabeasse nas vascas de um ataque, já não pude aguentar mais. Pus-me então de joelhos e, levantando a voz aos céus, profetizei a sua ruína.

O facto era que a sua precocidade no vício era terrível. Aos cinco meses metia-se em tais entusiasmos que era incapaz de articular uma palavra. Aos seis meses, encontrei-o a roer um baralho de cartas. Aos sete meses tinha o hábito constante de agarrar e de beijar os bebés do sexo feminino. Aos oito meses, recusou-se terminantemente a assinar o juramento da Liga Contra o Alcoolismo. De modo que a sua iniquidade não parou de aumentar, mês após mês, até quase já com um ano de idade não só insistir em usar bigode, como ter arranjado um hábito de rogar pragas e usar termos menos decentes, vincando sempre as suas afirmações com apostas.

Através desta prática nada cavalheiresca, a ruína que eu previra para Toby Raios-te-Partam tomou por fim conta dele. Esse hábito «crescera com o seu crescimento e fortificara-se com a sua força», de modo que, quando ele se tornou homem, mal podia dizer uma frase sem a lardear com qualquer comentário aos jogos de azar. Não que ele fizesse apostas a dinheiro, pois não era esse o caso. Farei justiça ao meu amigo, e direi que mais depressa ele se cortaria às postas. Com ele a coisa era uma mera fórmula e não mais do que isso. As suas expressões sobre o assunto não tinham qualquer significado ligado às mesmas. Eram expletivas simples, senão de todo inocentes: frases imaginativas com que acabar qualquer proposição. Quando ele dizia «aposto contigo isto e aquilo» ninguém o levava a sério. Contudo, eu não parava de pensar que ele de sério nada tinha. Esse hábito era totalmente imoral, assim lhe disse. Era ordinário, algo em que lhe implorei que acreditasse. Era desencorajado pela sociedade e, a esse respeito, nada mais lhe disse do que a verdade. Era proibido por uma lei do Congresso, e eu não tinha qualquer intenção de lhe contar uma mentira. Argumentei, mas mais me valera ter estado calado. Tentei demonstrar-lho, mas em vão. Roguei-lho, ele sorriu. Implorei-lho, ele riu-se. Preguei-lho, ele olhou-me de soslaio. Ameacei-o e ele começou a praguejar. Dei-lhe um pontapé e ele chamou a Polícia. Puxei-lhe pelo nariz, ele assoou-se-me na mão, e ofereceu-se para apostar a cabeça com o Diabo em como eu nunca mais me atreveria a fazer essa experiência.

A pobreza era um outro vício que a peculiar deficiência física da mãe dele lhe legara. Assim, era detestavelmente pobre e, sem dúvida, era essa a razão pela qual as suas apostas raramente adquiriam um teor pecuniário. Poderia dizer, sem medo de me enganar, que nunca o ouvi dizer «aposto contigo um dólar». Era geralmente: «aposto o que tu quiseres», «aposto tudo aquilo a que te atreveres», ou «aposto contigo uma coisa de

nada», ou ainda, o que seria mais significativo: «*aposto a minha cabeça com o Diabo*».

Esta última fórmula parecia ser a que mais lhe agradava, talvez por ser aquela que envolvia menores riscos, pois o Raios-te-Partam tornara-se excessivamente parcimonioso. Se alguém o levasse a sério, tinha uma cabeça era pequena, de modo que a sua perda nunca poderia ser muito grande. Mas estas são reflexões minhas e eu não estou de maneira alguma seguro se lhas deveria atribuir. De qualquer modo, a frase em questão tornou-se cada vez mais preferida, não importa a enorme indelicadeza de um homem que apostava o cérebro como se este fosse notas de banco. Mas esse era um ponto que a perversidade e disposição do meu amigo não lhe permitiam compreender. Por fim, abandonou todas as outras formas de aposta e decidiu-se por «aposto a minha cabeça com o Diabo» com uma pertinácia e uma exclusiva devoção que me desagradavam tanto quanto me surpreendiam. Nunca me agradavam circunstâncias das quais não fosse responsável. Os mistérios forçam um homem a pensar, logo a dar cabo da sua saúde. A verdade é que havia qualquer coisa que parecia *andar no ar* que incitava o Sr. Raios-te-Partam a dar azo à sua expressão ofensiva, algo *no modo* como a dizia, que a princípio me interessou e que mais tarde me veio a pôr muito pouco à vontade; algo que, de momento, à falta de uma palavra mais apropriada, eu poderia ter chamado *esquisito*, mas a que o Sr. Coleridge teria chamado místico, o Sr. Kant panteístico, o Sr. Carlyle retorcido, e o Sr. Emerson hiperinquisitivístico. Comecei por não gostar nada disso, a alma do Sr. Raios-te-Partam corria perigo. Resolvi recorrer a toda a minha eloquência para a salvar. Jurei servi-lo como se diz, na crónica irlandesa, que São Patrício teria servido o sapo, ou seja, «o teria despertado para o sentido da sua situação». Logo, não perdi tempo até me ter dedicado a essa tarefa. Uma vez mais tentei implorar-lho. Repetidamente, tentei recorrer às minhas energias numa última tentativa para o corrigir.

Assim que acabei essa minha lição, o Sr. Raios-te-Partam entregou-se a um tipo de comportamento assaz equívoco. Durante alguns momentos permaneceu silencioso, limitando-se a olhar-me nos olhos, muito intrigado. Mas depois, inclinou a cabeça para um lado e ergueu muito as sobrancelhas. Em seguida, estendeu as palmas das mãos e encolheu os ombros. Depois piscou-me o olho direito, para logo repetir essa operação com o esquerdo. Seguidamente, fechou-os ambos muito, antes de os abrir tanto que eu cheguei a ter medo das consequências. Depois, pondo o polegar no nariz, achou apropriado começar a mexer os restantes dedos. Por fim, pousando as mãos na cintura, condescendeu responder-me.

Apenas me consigo recordar dos pontos mais importantes do seu discurso. Ele ter-me-ia ficado muito agradecido se eu não tivesse aberto a

boca. Não desejava quaisquer conselhos da minha parte. Desprezava todas as minhas insinuações. Já tinha o suficiente para tomar muito bem conta dele. Será que eu ainda pensaria que ele o bebé Raios-te-Partam? Atrever-me-ia eu a dizer o que quer que fosse acerca do seu carácter? Pretenderia insultá-lo? Será que era doido? Será que a minha mãe se teria dado conta, digamos assim, da minha ausência da residência domiciliária? Ele iria colocar-me essa última questão com toda a sinceridade e iria prometer agir de acordo com a minha resposta. Uma vez mais me perguntou, explicitamente, se a minha mãe sabia que eu estava fora de casa. A minha confusão, segundo ele, acabava por me trair, e ele estava disposto a apostar a sua cabeça com o Diabo em como ela de nada sabia.

O Sr. Raios-te-Partam não esperou pela minha resposta. Voltando-me as costas, abandonou a minha presença com uma precipitação pouco digna. E ainda bem que o fez. Os meus sentimentos tinham sido ofendidos. Até mesmo a minha ira fora despertada. Pela primeira vez, teria aceitado a sua insultante aposta. E teria ganho, a favor do arqui-inimigo da cabecinha do Sr. Raios-te-Partam, pois a minha mãe estava completamente ao corrente da minha ausência temporária de casa.

Mas, *Khoda shefa midêhed*, o Céu traz sempre alívio, como dizem os muçulmanos, sempre que lhes pisamos os dedos dos pés. Era ainda no prosseguimento do meu dever, que eu tinha insultado e sofrido insultos como um homem. Parecia-me, no entanto, que eu fizera já tudo o que poderia estar ao meu alcance, no caso desse indivíduo miserável, de modo que decidi não o incomodar mais com os meus conselhos, mas deixá-lo consigo mesmo e com a sua consciência. Eu tinha ido mesmo ao ponto de assinalar algumas das suas propensões menos repreensíveis, e alturas houve em que me ouvi a gabar as suas piadas sem graça (tal como os epicuristas gostam da mostarda), com lágrimas nos olhos, de tal modo me afectava ouvir as suas horríveis frases.

Ora num belo dia, em que andávamos a passear de braço dado, o caminho levou-nos até um rio. Este tinha uma ponte e ele resolveu atravessá-la. Era uma daquelas pontes com telhado, para proteger os caminhantes das agruras do tempo, mas, como estava forrada dos lados com tábuas de madeira, com muito poucas janelas, tornava-se desconfortavelmente escura. Ao entrarmos nessa passagem, o contraste entre a luz exterior do dia e a sua escuridão interior impressionou muito o meu estado de espírito. Mas não tanto o do infeliz Raios-te-Partam, que se ofereceu para apostar a sua cabeça com o Diabo, em como eu estava interessadíssimo em percorrê-la. Ele tinha um humor excelente e pouco usual. Estava muito bem-disposto, de tal modo que acabei por ficar desconfiado, apesar de não saber bem de quê. Não seria de todo impossível que ele estivesse a ser influenciado pe-

los Transcendentalistas. Contudo, não estou muito versado no diagnóstico de tal doença, para falar abertamente sobre o assunto, e, infelizmente, também não tinha aí nenhum dos meus amigos da *Dial*. Todavia, sugeri a ideia devido a uma certa espécie austera de ataque de palhaçadas que parecia estar a apossar-se do meu amigo, obrigando-o a fazer uma figura de parvo. Mas nada mais lhe agradava nesse momento senão esticar o corpo e dar saltinhos por baixo e por cima de tudo o que se lhe atravessasse no caminho, ora gritando ora regurgitando toda a espécie de estranhas palavras longas e curtas, sem nunca alterar o rosto mais grave do mundo, que mantinha sempre. De facto, eu não me conseguia decidir se lhe deveria dar um pontapé ou apenas ter pena dele. Por fim, tendo quase chegado ao fim dessa ponte, aproximávamo-nos já do fim da passagem para peões, quando o nosso caminho foi impedido por um torniquete giratório com uma certa altura. Por este, consegui eu passar sem grande alvoroço, fazendo-o rodar, como seria espectável. Mas essa manobra não se ajustava às outras do Sr. Raios-te-Partam. Insistiu logo que pretendia saltar por cima do mesmo, dizendo até que poderia dar um salto de mestre por cima dele. Falando conscientemente, não acreditava que ele o pudesse fazer. O melhor acrobata de todos os torniquetes e de qualquer estilo era o meu amigo Sr. Carlyle e, tal como acreditava que esse mesmo senhor não o pudesse fazer, também não estava certo que o Toby Raios-te-Partam fosse capaz de tal proeza. Assim, disse-lhe, sem poupar palavras, que ele não passava de um gabarola, pois nunca seria capaz de fazer o que declarara. Por isto, acabei eu depois por me lamentar bastante, dado que ele se ofereceu logo para *apostar a cabeça com o Diabo* em como o iria conseguir.

Estava prestes a responder-lhe, não obstante as minhas prévias resoluções, com alguma crítica no que respeitava à sua falta de maneiras, quando ouvi, junto ao meu cotovelo, uma tosse ligeira, que me soou muito como a expressão «pois bem!» Sobressaltei-me e olhei à minha volta surpreendido. Esse meu olhar acabou por incidir num canto da estrutura dessa ponte e na figura de um cavalheiro velho e coxo de aspecto venerável. Nada parecia ser tão digno de reverência como esse seu aspecto, pois não apenas vestia um fato completo preto, mas uma camisa perfeitamente limpa e um colarinho gomado, impecavelmente arranjado sobre o seu plastrão, enquanto o cabelo se lhe apresentava com uma risca ao meio, como o de uma rapariga. Tinha os dedos das mãos pensativamente entrelaçados sobre o estômago e os seus olhos deliberadamente voltados para cima.

Ao observá-lo mais de perto, reparei que ele também tinha um pequeno avental de seda sobre as suas roupas e isso foi algo que eu achei muito estranho. Porém, antes que eu tivesse tempo de fazer qualquer obser-

vação acerca de uma circunstância tão singular, ele interrompeu-me com um segundo «*pois bem!*»

Tratava-se, com efeito, de uma observação à qual eu não estava imediatamente preparado para responder, dado que a comentários de uma natureza tão lacónica não se pode propriamente dar uma resposta. Já conheci uma Revista Quadrienal totalmente *fascinada* com a expressão «*Torção Doce!*», de modo que me voltei para o Sr. Raios-te-Partam em busca de ajuda.

— Raios-te-Partam — disse eu, — onde te meteste que não me ouves... o senhor disse «*pois bem!*» — Olhei com um ar austero para o meu amigo enquanto lhe dirigia a palavra, pois, para ser franco, sentia-me completamente intrigado e, logo que um homem se encontra num estado semelhante, tem que franzir o sobrolho e parecer muito zangado, caso contrário poderá parecer um parvo.

— Raios-te-Partam — observei eu, embora isso me tivesse soado em tudo como uma praga, algo que nem sequer tinha atravessado os meus pensamentos. — Raios-te-Partam — sugeri eu, — esse senhor está a dizer «*pois bem!*»

Não pretenderei defender esta minha observação como tendo qualquer profundidade. Eu próprio não pensei que fosse profunda, mas também já notei que o efeito do que dizemos é sempre proporcional à importância do mesmo aos nossos olhos, e se eu tivesse atingido o Sr. R. de um lado ao outro com uma morteirada de Paixhans¹², ou lhe tivesse atirado à cabeça o volume *Poetas e Poesia da América*, ele não se teria sentido mais desconcertado do que quando lhe dirigi estas simples palavras: — Raios-te-Partam, onde é que te meteste?... Será que não me ouves?... O cavalheiro disse «*pois bem!*»

— Não me digas... — disse ele por fim, depois de eu ter observado no seu rosto mais cores do que aquelas que um navio pirata poderia haster, uma após outra, ao ser perseguido por um galeão inimigo. — E tens a certeza de que ele disse *isso*? Bem, de qualquer modo já me decidi e terei que encarar a coisa com seriedade. De modo que aqui vai... «*pois bem!*»...

Esse pequeno cavalheiro idoso pareceu ter ficado muito satisfeito... só Deus sabe porquê. Saiu então do seu lugar nesse canto da ponte, começou a coxear à pressa, com um certo ar gracioso, e agarrou na mão do Raios-te-Partam para o cumprimentar com toda a cordialidade, não parando de o olhar directamente no rosto, com o ar da mais sincera simpatia que alguma vez a mente humana poderia imaginar.

— Estou quase certo de que poderás ganhar, Raios-te-Partam — disse ele, com o mais franco dos sorrisos, — mas antes queremos ver uma tentativa, só por uma razão de formalidade...

— Pois bem! — respondeu-lhe logo o meu amigo, tirando o casaco com um profundo suspiro, atando um lenço de bolso em volta da cintura, e produzindo uma indescritível alteração da sua fisionomia, revirando os olhos para cima e fazendo descer os cantos da boca. — Pois bem! — E «pois bem» voltou ele a dizer, após uma pausa, e mais nada a não ser «pois bem» teria ele dito depois disso. «Ah!» pensei eu, sem me expressar em voz alta, «isto é um silêncio muito estranho por parte do Toby Raios-te-Partam e, sem dúvida, trata-se de uma consequência da sua verbosidade em prévias ocasiões. Um extremo convida um outro. Será que já se esqueceu das muitas perguntas sem resposta que ele me tinha proposto, tão fluentemente, no dia em que lhe dera essa última lição? De qualquer modo, pareceu-me curado de todo o seu transcendentalismo.

— Pois bem — respondeu-me logo Toby, como se estivesse a ler os meus pensamentos, com olhos de carneiro mal morto, como se a meio de um transe.

Esse velho cavalheiro pegou-lhe então no braço para o conduzir até uma das sombras da ponte, alguns passos antes do torniquete. — Meu caro amigo — disse ele. — Insisto, como ponto de honra, que tenha todo este espaço para poder ganhar balanço. Espere aqui, até eu ficar junto ao torniquete, para que possa ver se o consegue saltar com toda a destreza e uma certa transcendentalidade, e não omita nenhuns dos floreados do seu salto de mestre. Uma mera formalidade, não sei se está a ver... depois irei dizer «um, dois, três e partida», não se esqueça de começar quando eu disser «partida». — Então, colocou-se junto ao torniquete, fez por momentos uma pausa, como se em reflexão profunda, olhou *para cima* e, segundo pensei, sorriu ligeiramente. Em seguida, apertou as fitas do avental e olhou muito para o Raios-te-Partam, dando-lhe depois a ordem combinada:

— *Um... dois... três... e partida!*

Pontualmente, assim que ele disse «partida», o meu pobre amigo começou logo a galopar. Esse torniquete não era muito alto nem de um «estilo» semelhante ao do Sr. Lord. Também não era tão baixo como o dos seus críticos, mas, nesse momento, apenas me interessava que o Toby fosse bem sucedido. No entanto, que aconteceria se ele não conseguisse? Sim era essa a questão. E se não fosse capaz de o fazer? Que direito, pensei eu comigo mesmo, teria esse velho cavalheiro de incitar outro indivíduo a saltar? Essa espécie de velho mestre-escola quem seria afinal? Se me pedir para saltar, não o irei fazer e não haverá mais discussão, e não me importa quem *diabo possa ele ser?* A ponte, tal como mencionei, era coberta em arco, de um modo muito ridículo, e havia sempre nela um eco demasiado desconfortável, um eco de que antes nunca me dera conta, antes de ter dito as últimas quatro palavras da minha prévia observação.

O que eu disse, porém, ou o que pensei, ou o que ouvi demorou apenas um instante. A menos de cinco segundos do começo, o meu pobre Toby já tinha dado o salto. Vi-o a correr com rapidez e dar esse grande salto desde o soalho da ponte, fazendo os mais grotescos floreios com as pernas, à medida que se ia elevando. Vi-o bem lá no alto, dando o seu salto de mestre mesmo por cima do torniquete e, é claro, achei muito estranho que ele não tivesse continuado a transpô-lo. Todavia, esse salto não durou mais do que um momento e, antes mesmo de eu ter tido uma oportunidade para tecer reflexões mais profundas, o Sr. Raios-te-Partam caiu de costas do mesmo lado do torniquete em que tinha começado. Nesse mesmo instante, vi o idoso a começar a coxear muito apressado, para apanhar e embrulhar qualquer coisa no avental que caíra pesadamente da escuridão do tecto arqueado, mesmo por cima do torniquete. Fiquei atônito diante de tudo isso, mas não tinha muito tempo para pensar, pois o Sr. Raios-te-Partam estava completamente imóvel. Concluí que os seus sentimentos tinham sido ofendidos e que necessitava da minha ajuda. Corri logo para ele e reparei então que se ferira gravemente. A verdade é que ficara sem cabeça e que, após uma busca detalhada, eu não a conseguia encontrar em lado nenhum, de modo que estava decidido a levá-lo para casa e a mandar chamar um homeopata. Entretanto, assaltou-me um pensamento e foi quando abri uma das janelas num dos lados da ponte, que a triste verdade finalmente se me revelou. A cerca de dois metros e meio, acima do torniquete, e suportando o arco desse passeio para peões, como se fosse uma braçadeira, havia uma barra de ferro em forma de lâmina que se estendia horizontalmente, sendo uma de uma série que servia para suportar toda a estrutura. Parecia que fora com essa barra em forma de lâmina que o pescoço do meu infeliz amigo se defrontara.

Este não sobreviveu muito à sua terrível perda. O homeopata não lhe deu remédio suficiente e, o pouco que lhe deu recusou-se ele a tomá-lo. Desse modo, por fim, começou a piorar e veio a morrer, de uma maneira que poderia servir de lição a todos os fanfarrões. Inundei a sua campa com as minhas lágrimas, coloquei uma barra inclinada para a esquerda no seu escudo de família e, no que se prendeu com as despesas do funeral, enviei essa modesta conta aos transcendentalistas. Estes desavergonhados recusaram-se a pagá-la, de modo que mandei logo desenterrar o Sr. Raios-te-Partam, vendendo o seu corpo para comida de cão.

¹ Publicado pela primeira vez na *Graham's* (Setembro de 1841).

² Referência a Tomás Hermenegildo de las Torres, um poeta castelhano do século XIX.

³ De acordo com os críticos Stuart and Susan Levine, trata-se de uma referência a Phlipp Schwarzerd, um teólogo e colega de Lutero.

⁴ Um poema cómico de Pigres de Caria.

⁵ Académico italiano do século XVII, especializado em Homero.

⁶ Escritor ficcional conhecido pelas suas exageradas interpretações de Homero.

⁷ Um poema narrativo do Dr. James McHenry.

⁸ Poema em sete cantos de Seba Smith.

⁹ Famosas revistas literárias da época.

¹⁰ Referência irónica a *The North American Review*.

¹¹ Estas frases em latim traduzem-se, respectivamente, como «Não se deve dizer mal dos mortos» e «Que nada senão boas coisas se digam dos mortos».

¹² Tipo de granada de morteiro inventada por Henri Joseph Paixhans.